



Gaiato

4560 PENAFIEL
TAXA PAGA

Quinzenário • 7 de Agosto de 1993 • Ano L - N.º 1289 - Preço 30\$00 (IVA incluído)

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo



Casa do Gaiato de Benguela

BENGUELA

A agonia do Povo continua!

ESTAMOS felizes com a ordenação sacerdotal do nosso Júlio Pereira. Escrevo esta nota às 11,30 da manhã de domingo, 11 de Julho. À minha volta reina um ambiente de festa. A algazarra dos gaiatos envolvidos pela espuma branca das ondas do mar da Kaota é um clamor dos inocentes desta terra a suplicar a paz que tarda a chegar.

A agonia do Povo continua! Há poucos dias veio ter comigo um mensageiro com um recado em papel oficial: — *O cadáver duma velhinha morta pela fome repousa na praça do bairro e não há quem lhe dê sepultura; empreste-nos o tractor para o levantar.*

A indiferença diante da morte vai-se tornando o estado normal das populações. Agonia verdadeira dum Povo!

Ao longo dos anos fui testemunha do amor e do respeito pela vida como um valor da cultura desta gente. Sou testemunha, agora, do adormecimento deste valor primeiro, causado pela guerra, pela fome e pela miséria.

As mães quase já não choram a morte dos seus filhinhos porque não têm forças! Vêm à busca de tábuas e panos para cobrir os corpos e quedam-se de olhos secos e em silêncio. Verdadeira agonia dum Povo!

Há dias, na televisão, o Ministro da Justiça confessou que morrem mil pessoas por dia, vítimas da guerra. Não se sabe quantas mais vítimas da fome, da doença, da nudez, de tudo.

De passagem por Angola recebemos a visita de pessoa conhecida doutros tempos. Falou-nos da sua admiração pelo que viu numa ou noutra cidade por onde passou: bons carros a circular, alguns produtos de luxo à venda nas lojas, muito movimento de pessoas pelas ruas...

Não deu conta, porém, da verdadeira situação do Povo. Falei-lhe outra linguagem e vi-o de olhos fixos e, de novo, muito admirado.

Parece-nos possível que, em vez de carros de luxo e produtos de qualidade, se fizessem chegar aos portos — ainda a funcionar — alguns barcos carregados de milho, feijão, óleo vegetal, sabão e medicamentos. Tudo isto é mais barato e traria vida ao Povo e travaria a morte.

A esperança não morreu, entretanto. Com ela se trava outro combate a favor da vida. Queremos estar nesta linha. Esperamos, em breve, acolher mais um grupo de pequenos, na mira de salvá-los os que pudermos.

Aos amigos que acompanham o caminhar da Obra da Rua nesta terra pedimos a sua ajuda.

Padre Manuel António

Vistas de dentro

As férias e os desarranjos que provocam na nossa vida

POR causa das férias e dos desarranjos que elas provocam na nossa vida, Júlio Mendes resolveu adiantar esta edição d'O GAIATO e conseguiu motivar os nossos padres e mais redactores e obteve deles a colaboração requerida. Fiquei eu, peão da cauda, rodopiando no turbilhão que cada dia sopra e tão depressa nos empurra à linha avançada como nos traz a defender as redes.

Eu sei nada de futebol; mas creio que, ao

fim do desafio, ninguém tão exausto como o treinador sentado na margem do campo, mesmo que cada jogador faça o seu melhor.

Será assim?...! É assim que me sinto; e neste sentir que tenho de calar Júlio Mendes e seus repetidos recados.

Mal ele sabe que, *doa a quem doer*, daqui a pouco largarei tudo pela quarentena que uma *troupe* de caçadores de pombas nos telhados da Casa Paroquial anda fazendo nas horas livres, a remediar os estragos que nas mesmas horas tem feito! Não é o «olho por olho, dente por dente», mas uma restituição devida e um acautelar de novas aventuras!

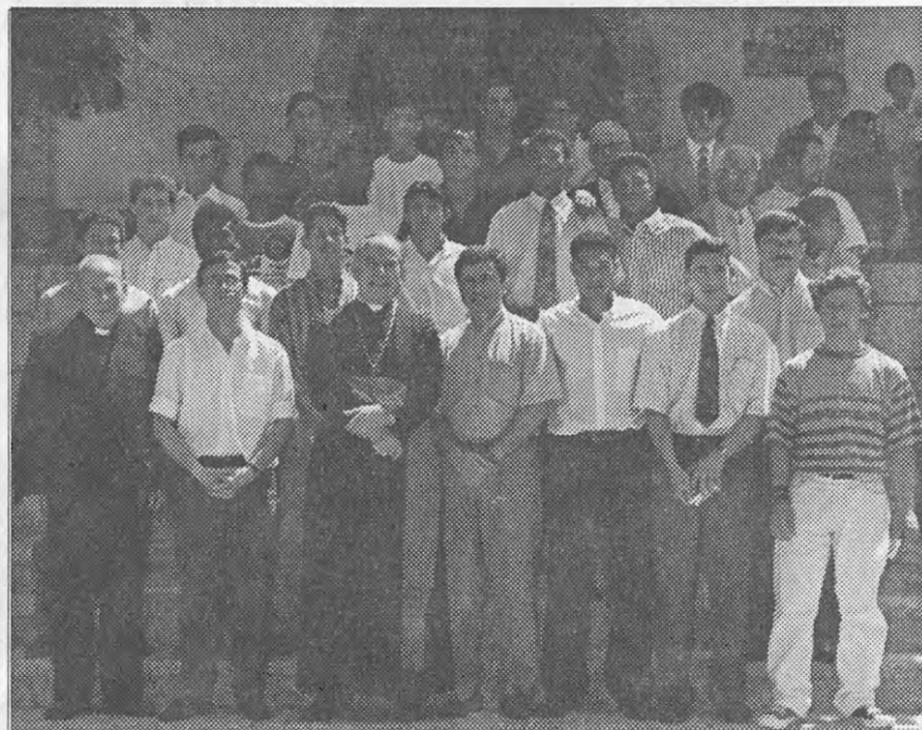
Dias felizes

JÚLIO Mendes encomendou-me um «artiguinho doutrinal» sobre os dias felizes que Deus nos deu neste 16 de Julho. Foi a ordenação e depois a Missa Nova de Padre Júlio Pereira em assembleia grada de gaiatos de ontem e de hoje — dois domingos seguidos e cheios. Foi a visita do Bispo de Benguela que, sem poder transformar trevas em luz, todavia nos deixou um bocadinho mais tranquilos, pelo menos quanto àquela Casa que também é particularmente sua. Foram as notícias chegadas de Malanje a adoçar a amargura de nada sabermos com certeza, havia algum tempo. Foi o próprio dia

16 de Julho é o nosso Bispo connosco em espírito de simplicidade familiar, como *pai na fé* que veio confirmar estes seus filhos, para que eles fiquem mais firmes na vivência dela, pelo Espírito Santo que sobre eles desceu.

Nós cremos no Espírito Santo, na Santa Igreja nossa Mãe. E cremos também que, «assim como a chuva e a neve, ao descerem do céu, não deixam de fecundar a terra, assim também a Palavra do Senhor e a Sua graça não deixam de produzir o seu efeito» na alma dos que a receberam. E esperamos, por Ele e n'Ele, que a Vida se adense nos nossos rapazes e os acertos na vida da Comunidade se realizem a partir de todos e de cada um de nós.

Padre Carlos



No dia de Pai Américo, a expressiva alegria do Bispo do Porto com os crismados e os nossos Amigos.

Conferência de Paço de Sousa

SINISTRADOS — É muito jovem. O homem forte da família. Mas sofreu, recentemente, um grave acidente de viação e tem um braço totalmente imobilizado: — *Tá a ver? Não mexe...! Vou ser operado outra vez... mas o hospital está sempre cheio!*

Pressiona as seguradoras: — *Tenho 50% de culpa no acidente. Ainda não me deram nada nem sei quando me darão!*

Nestes casos, a Segurança Social fecha a porta (provisoriamente). E, por isso, há meses que o sinistrado anda ao Deus dará sem sustento para a família, com a agravante de ter uma filha adoentada. No entanto, o futuro será mais negro, infelizmente: tudo leva a crer que jamais poderá continuar a sua arte — trolha!

De vez em quando caem em nossas mãos problemas desta ordem porque a legislação acautela entidades — mas prejudica o mais importante: a família.

No fim do processo, o homem terá que requerer pensão por incapacidade...

Porquê sacrificar assim um lar, tantas famílias pelo País fora, obrigando-as a recorrer à Caridade?!

Com certeza haveria fórmula adequada — dentro da Justiça Social — para uma solução (material) a contento das respectivas entidades. A Caridade a suprir *hiatos* é que não!

PARTILHA — «Avó de Sintra» com boas notícias: «Depois de operada aos olhos, há 45 dias, pela própria mão comunico que junto o cheque para a 'família do costume'».

Assinante 5471, da Rua Oliveira Monteiro — Porto: «Sempre que leio O GAIATO e vejo as inúmeras necessidades com que se debatem tantas famílias, e tantos outros problemas, gostaria de ajudar a tudo e a todos. Mas, como não me é possível, aqui vai hoje esta 'gotinha' para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa. Apliquem onde acharem que é melhor e mais urgente. Não agradeçam. Só peço orações para esta pecadora e para os meus filhos e marido».

Pelas CASAS DO GAIATO

Assinante 20631, de Monte Gordo: «Se alguma coisa sobrar da assinatura d'O GAIATO, agradeço que a destinem à Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. (...) À medida que me vou entrosando nesta terra que adoptei, vou também conhecendo as suas misérias e pondo em prática a doutrina expressa por Pai Américo: 'Cada freguesia cuide dos seus Pobres'».

Ao longo do tempo, quantos cristãos assimilaram, na Obra da Rua, de Pai Américo, o Mandamento Novo!

A velha Amiga, de Vancouver — Canadá, torna com a amizade de sempre: «É com muito amor e carinho que envio esta pequenina migalhinha (vinte dólares) para um dos vossos Pobres. Peço uma oração por mim e por todos os meus».

Dois óbolos entregues em nossas mãos: um, do nosso Domingos; outro, daquela senhora que aparece por cá muitas vezes e é do Porto.

Mais «um pequeno auxílio» da assinante 35019, de Lisboa.

A «pequena ajuda» (cinco mil escudos) da assinante 14493, do Porto, «para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, referente ao mês de Julho», com um estímulo cristão: «Que Deus encorage os nossos passos. Se não, o que será de todos nós?!»

Um cheque do «Manuel de Braga», que acrescenta: «Não mando dinheiro assiduamente — para as viúvas — porque a reforma é pequena». O Senhor o ajude!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

CRISMA — Já referi, sucintamente, este acontecimento n'O GAIATO anterior. A preparação decorreu com muita elevação. O grupo de crismandos fez um Retiro de dois dias no Oásis (Erme-sinde). Regressámos melhor preparados para receber o Sacramento da Confirmação, ministrado pelo senhor D. Júlio, Bispo do Porto.

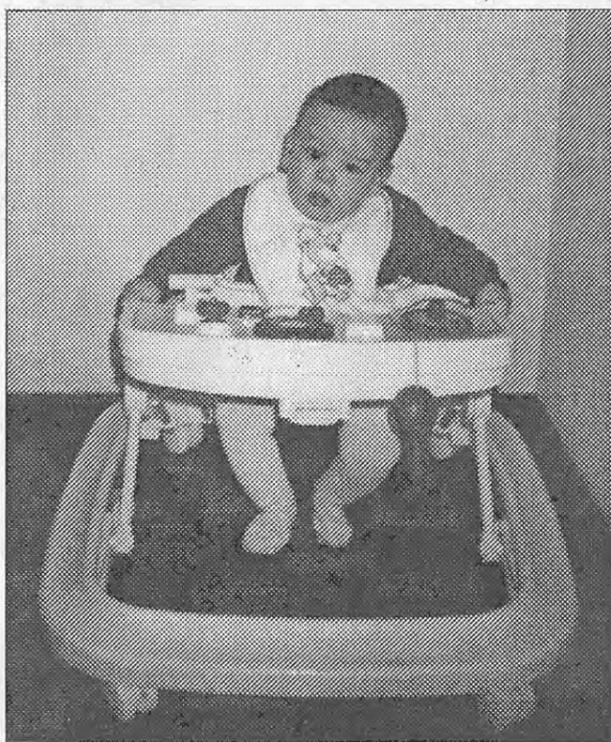
Os crismandos entraram em procissão na Capela e ficaram em lugares reservados. O coro, orientado por uma senhora amiga, entoou cânticos maravilhosos.

O senhor Bispo, durante a celebração, baptizou um deles. E, à homilia, para além de acentuar o valor do Sacramento, não deixou de referir o nosso Pai Américo, «a sua vida heróica», disse, pois se deu inteiramente aos Pobres — a nós, que fomos da Rua.

O Prelado teve o gosto de autografar as pagelas que servirão de recordação a todos nós pela vida fora.

Depois, companheiros houve que fizeram uma grande reportagem fotográfica e seguimos, então, para o refeitório com muita alegria. Um almoço de festa, com um grande bolo feito pela mãe do Eng.º Manuel Mendes que nos preparou para o Crisma, ao longo de muito tempo.

VISITAS — Não param de nos visitar, pois a nossa Aldeia é linda. Por isso, venham apreciar a sua beleza e grandiosidade.



Nuno Filipe neto do Domingos José Anjos («Avózinha»)

PRAIA — O segundo turno encontra-se a gozar boas férias em Azurara e a decorrer da melhor maneira possível.

OFICINAS — São escolas de formação profissional muito importantes para a nossa vida.

A serralaria, ultimamente, tem sofrido com a saída de alguns rapazes. Só lá está, agora, o Júlio Silva com muito trabalho. Tanto, que tem pedido a ajuda de alguns para dar conta do recado.

OBRAS — Os trolhas estão a melhorar a nossa copa. Já não era sem tempo! Respeitemos as coisas feitas com muito sacrifício!

TRIBUNAL — Quase todos os dias há tribunais! Foram às pombas do mosteiro. Foram às pês. E mais outros assuntos que marcam a nossa vida.

RESPONSABILIDADE — Precisamos de ser responsáveis. A responsabilidade não se pode desmazelar quando a assumimos. Alguns dos nossos rapazes tentam virar a cara para o lado, fugindo, assim, às realidades da nossa vida. Como diz o ditado, «é de pequenino que se torce o pepino». Os chefes, com responsabilidade, não podem andar a dormir! Precisam de assumi-las por inteiro...

REGRESSO — O nosso Benjamim, depois de algum tempo em nossa Casa do Gaiato de Benguela (Angola), regressou muito cansado e foi muito bem acolhido.

Com o Benjamim veio também a Aurora.

E o nosso Padre Manuel mandou notícias sobre as consequências da guerra que destrói vidas e bens em Angola.

Lupricínio

DESPORTO — No convívio dos antigos e actuais gaiatos, realizámos um prélio com gaiatos velhos e novos. Claro, só poderia haver um vencedor. Eles, gordos e cansados, pela idade, conseguiram aguentar o nosso ritmo na primeira parte, e os novos já venciam por 2-0.

Na segunda parte dominámos, a nosso belo prazer, apesar da arbitragem habilidosa, e goleámos por 5-3.

Lando

TOJAL

FÉRIAS — Época tão apetecida em nossas Casas! Todos andam de cabeça no ar para saberem qual será o seu destino.

Mais um ano tivemos que ir para Setúbal e Mira, pois a casa ainda não está acabada. Esperemos que no Verão próximo já esteja. Na Ericeira, a nossa velha residência teve que acolher, mais uma vez, dois grupos. Não tem as melhores condições, mesmo assim ainda nos safou. Os nossos miúdos têm vindo bronzeados e nenhum dos que seguiram para a praia quer vir como foi...!

ESCOLA — Acabou mais um ano lectivo, cá em Casa. Muita alegria, pouca tristeza, pois o balanço do ano foi bom na Secundária e Preparatória. Todos passaram, menos um. Na Escola Primária, a quem aproveitou, os nossos parabéns. A quem não, é voltar a tentar no próximo ano.

PISCINA — Está em funcionamento, há um mês. Sempre que chega a hora do banho, esteja a fazer frio ou calor, é uma hora sagrada. Dali só saem quando o chefe ordenar...!

CARAS NOVAS — Deram entrada mais quatro: o Jorgito que fez agora 3 anos. Ao contrário do Carlitos é bem gordito e não foge com o vento. O Nuno tem 15 anos e os outros dois são irmãos: Liliano com 8 e o Paulo com 6.

Esperamos que se dêem bem na comunidade. No entanto, a sua adaptação, ao nosso meio, tem sido positiva. Que assim seja até se fazerem homens. É para isso que a nossa Obra existe.

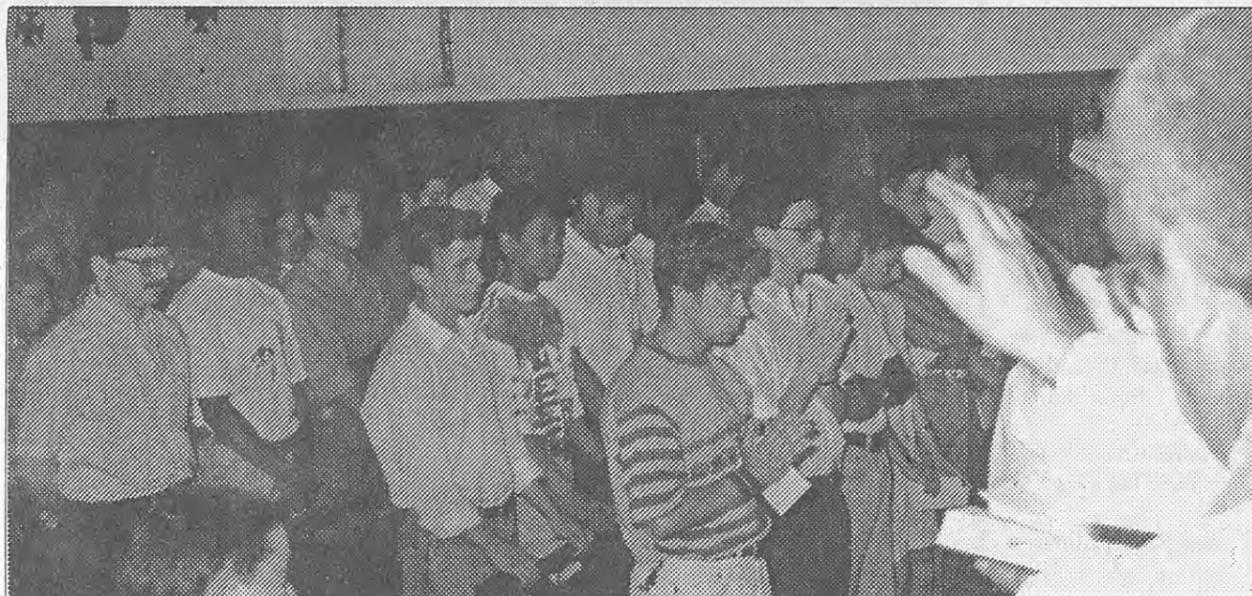
Luís Miguel Fontes

Encontros anuais dos nossos Rapazes

Os encontros anuais dos nossos Rapazes são sempre muito grandes e cheios de vida familiar. Parece-nos que cada vez mais.

Este ano começámos por Setúbal. É sempre no primeiro domingo de Julho, aniversário daquela Casa. Pelo programa-convite ficámos com o sabor de um grande dia de festa.

Na mesma data foi em Miranda do Corvo. Comunguei com eles. Os mais responsáveis pela Associação reuniram-se semanas antes. Programaram tudo e dividiram tarefas. Gostei muito da oferta pessoal de



Cerimónia do Crisma na Capela da Casa do Gaiato de Paço de Sousa

MOÇAMBIQUE

As Casas do Gaiato de Angola e Moçambique são a dimensão profética de Pai Américo

A nossa Casa celebrou o aniversário de Pai Américo. Com as de Angola, somos a dimensão profética do seu carisma: «Depois da minha morte é que vai ser...» Embora não tendo atingido o desenvolvimento normal, por circunstâncias bem dolorosas, sobretudo em Malanje, cremos estar bem dentro do seu espírito inquieto com o sofrimento dos Outros, fossem as crianças abandonadas ou as famílias sem abrigo e sem pão. O que o fazia andar pelo Barredo e bairros de lata, o que fazia acolher os rapazes mais difíceis, mais viciados e mais repelentes é o mesmo Espírito que nos está inquietando, embora em terras diferentes e situações mais horríveis. Vivemos aquela sua palavra dita não sei onde: «Cristo pisou a terra com o coração. Era um apaixonado e fez apaixonados».

Embora carregando dolorosamente as nossas limitações e pecados, estamos submergidos pelas limitações e mazelas do Povo que nos cerca. Não somos nada e tudo podemos! A nossa vida multiplica-se e diversifica-se como nunca foi preciso tanto.

Por isso são Padres, Religiosos e Religiosas. São seminaristas e grupos de cristãos. Pessoas do Governo e de organizações sociais a querer ver e saber. São até Pastores e irmãos doutras confissões e seitas «a querer tomar alturas» — como dizia Pai Américo. A Obra da Rua está sendo — como no princípio — uma *palavra nova*, despertando o interesse de quem quer fazer alguma coisa, nesta hora em que arrefecem as cinzas da guerra, os ânimos serenaram e por todo o lado é urgente reconstruir. Sobre tudo recuperar o espírito. Quantas atrocidades impossíveis de esquecer! Quantos hábitos de roubar para vingar a fome sofrida! Quantas arbitrariedades a coberto da situação de guerra! As pessoas perderam a confiança no amigo e até no familiar!

Quando oiço falar na urgência de capacitar pessoas para o desenvolvimento que se pretende e é razoável, fico sentindo que este Povo ficará marginalizado e sem ver sequer a estrada do progresso que os de fora vêm abrir. Moçambique poderia ser hoje um dos países mais desenvolvidos de África, se o capricho da História não tivesse reduzido a



O Padre José Maria — Pai de Família.

escombros a sua economia e mais desoladamente os seus valores morais.

Daí, festejámos Pai Américo que passou desta vida mas continua, pelo seu espírito,

vivo e presente na nossa, conforme acreditava este Povo acerca dos seus antepassados.

Padre José Maria

Malanje dia-a-dia

20/6/93

Festa na Paróquia do Sagrado Coração de Jesus: Eucaristia e Crisma.

Cânticos e dança com beleza e ritmo; unção e vigor. Três horas sem cansaço.

Este Povo de Deus, no meio de tribulações — fome e guerra — fala e canta com o Senhor com alegria e fé! Fico seduzido! Bebo com o coração a sua esperança!

21/6/93

Fui com a Irmã Amélia visitar o Papá Morais. Foi catequista durante a vida toda. Chamemos-lhe apóstolo do Senhor — porque, de facto, o é. Tem 92 anos. Já não vê; e ouve mal. Porém, seus olhos do coração estão bem abertos e

cada um: «Faço o que for necessário».

Na véspera apareceram todos. Adiantaram tudo. Fizeram um convívio maravilhoso — cada um no seu lugar: mesas, bancos, toalhas, louças, forno da padaria, assadores, cozinha, pagamento das cotas, tudo em ordem.

A hora, já no salão, começou a preparação dos cânticos para a Eucaristia. Foi o grande encontro com o Senhor e em comunhão uns com os outros. Grande Festa!

Depois, o almoço. Cada um servido com seu tabuleiro. Chegou para todos. A seguir, jogos e banho na piscina azul com água fresca.

Terminou com sardinhas e muitos abraços, beijos e para os de mais longe, «até ao ano se Deus quiser».

No domingo passado, em Paço de Sousa. Os dois responsáveis já tinham aparecido, várias vezes, e estava tudo combinado.

Alguns começaram a aparecer dias antes. No próprio, ainda manhazinha, começou a chegar a multidão. A hora todos se dirigiram

para a *catedral* feita com os ramos e sombra das tileiras. O grupo coral, bem preparado, entoou o cântico de entrada: «Aleluia, este é o dia do Senhor». O nosso Padre Júlio Pereira presidiu pela primeira vez. Um dos nossos casados apresentou seu filho, nascido na Alemanha onde trabalha, para ser baptizado. Todos convidados a fazer a Festa. Uma hora de comunhão com o Senhor que é o elo de união de família.

No fim da Eucaristia abeiramo-nos do campo de futebol e ocupámos a grande mesa estendida ao longo dele. Não chegou e houve segunda bancada. Éramos muitas centenas! Ainda sobejou comer para o dia seguinte. O Pão do Senhor quando é dividido chega sempre.

A tarde foi cheia, à maneira de cada um. Por fim, os fogareiros bem rodeados por mãos estendidas à procura da sardinha.

A noite regressaram a casa bendizendo a Deus por ter dado a Pai Américo o dom desta Família a que todos pertencemos.

Padre Horácio

cheios de esplendor. Ficou-me a impressão de ele falar com Deus cara-a-cara.

A sua luz interior inunda!

«Só já estou à espera do Senhor» — disse ele.

«Quando me sinto triste e com desânimo, venho junto do Papá Morais e fico em paz e feliz!» — desabafou a Irmã.

Sentadinho na sua cadeira à sombra dum abacateiro, ele recorda com alegria os milhares de quilómetros que deu ao Senhor dumas catequeses a outras.

23/6/93

Com a nossa vinda para a cidade, os rapazes que têm tios ou avós foram para eles.

Depois de oito dias, apareceu o «Santo», com seu irmão, e o «Minguito»: — Que tinham muita fome; que queriam ficar.

«Deixe-os ficar...» — disseram alguns. «Pomos ali as camas.» O «ali» era um cantinho onde o milagre do coração fez espaço! Espaços maravilhosos de Deus! Numa cama ficou o «Santo»; noutra, o «Minguito» e o João — ambos de 5 anos.

«Santo» e João são irmãos. Viviam com um tio que não tem nada. Na Europa não fazemos ideia do que é o não ter nada em casa para comer, nem dinheiro para ir comprar... Muitos pais me falam: «Senhor Padre, acredite, quase todas as noites meus filhos vão prá cama chorando com fome...»

Este Povo nómada, caminhante... A sua caminhada para Deus no meio de sofrimentos.

Ai dos Povos que pararam!

As suas vidas sedentárias entre comodidades e conforto...

Como Deus vai sempre à frente, perderam-no de vista. Em grande perigo de perderem, para sempre, a esperança da Vida Eterna.

25/6/93

Senhor, Tu sabes que o Teu Povo não tem leite, não tem pão, não tem carne nem arroz nem feijão...

Só longas caminhadas... Mas, nem caminhos! O cerco à cidade também os fechou.

Somente pelo ar... Porém, começaram a lançar os obuses para junto do aeroporto e os aviões têm receio.

As organizações humanitárias deixaram-se enredar pela política e pelo medo.

Ultimamente, somente a Caritas tem chegado ao Povo.

Tu sabes isto tudo.

O Teu silêncio assusta.

Vê que a guerra é contra o Povo e o monstro da fome já lhe está roendo o tutano.

Deixa-Te comover pela oração dos Teus justos... Basta que haja dez na cidade.

Eu sei... Já estás comovido.

Padre Telmo

ENCONTROS em Lisboa

«Não havia lugar para eles»...

FELIZMENTE posso afirmar que a vida que fui podendo escolher, apesar de atrás das opções ou mesmo no decorrer delas as crises tenham sido grandes foram cheias de experiências que me surpreenderam pela sua densidade humana e cristã.

Umhas vezes é a dor silenciosa diante do caminho da cruz de tantas vidas humanas. Outras, é a serena vivência dos momentos de paz onde a comunhão humana se realiza anunciando tempos novos. Outras ainda, é o Evangelho vivido na simplicidade dos corações pobres.

Há poucos dias vivi algo que gostaria de transmitir aos grandes e sábios deste mundo, caso eles tivessem algum tempo para aprender. Tudo muito simples, surpreendente, doloroso e ao mesmo tempo feliz. Em nossas Casas não é raro misturarem-se todas estas coisas.

Eram já onze e meia da noite. Vêm-me entregar uma criança de dois anos e meio. Fico com ela nos braços. E chora. Atormentado com a situação — e para algum tempo de reflexão — recolhi-me para a zona do meu quarto que fica na casa dos que têm entre 8 a 11 anos. O que se passou a seguir só os «pequenos» do Reino podem entender. Alguns, ainda acordados, vieram logo. Depois, acordaram os outros. Todos tentaram ajudar o menino a deixar de chorar. Trouxeram os brinquedos que possuíam. Punham-nos a rodar. Emprestavam as pilhas uns aos outros numa tentativa de ver se a criança se fixava nalgum. Tudo o que havia de bolos, rebuçados, chocolates nas diferentes gavetas veio para lhe ser apresentado. Fizeram caretas, imitaram animais, deram cambalhotas. Ao meu colo, ele foi serenando. Talvez devesse proceder de um modo mais sereno. Fui apanhado por aquele redemoinho. A minha dor diante de todos aqueles gestos de carinho, de abnegação, foi-se transformando em esperança. O menino adormeceu com um sorriso e, à volta da sua camita, colocados uns dez bonecos de peluche para que pudesse escolher.

Deitei-me com a oração de Jesus a embalar o meu sono: «Eu Te bendigo, ó Pai, porque escondeste estas verdades aos sábios e inteligentes e as revelaste aos pequeninos».

Esta verdade eterna que Jesus anuncia torna-se ainda mais clara quando sabemos os antecedentes.

Já conhecia o caso, há algum tempo. Uma mãe à deriva. Foi recolhida com a criança por uma mulher simples com os filhos criados, doutores e gestores. Os filhos ditaram a lei: — Não pode ser, tem que ir para a rua. Ao princípio de uma noite mãe e filho foram para a rua. Dormiram noites por aí. O menino veio aqui parar. «Não havia lugar para eles.» Esta história já é antiga. Creio que até está no Evangelho, logo no princípio. Ainda não aprendemos!

Padre Manuel Cristóvão

DOCTRINA



...nunca se cansam de o fazer...

O dia primeiro de Setembro ouviu a minha palavra carpideira nas Capelas do Luso e do Buçaco, à estação da Missa, perante auditórios de categoria. As duas Capelas são pequenas, a do Luso pequeníssima; mas a ideia é grande e enche os corações de quem ouve.

A palavra é fluente, espontânea, revolucionária. O garoto da rua é apresentado e definido em toda a sua beleza moral, seus recursos espirituais, suas fracas possibilidades, seu abandono; o pensamento é desfiado em experiências colhidas na vida das Colónias de Campo. Fala-se de uma Obra que nasceu e vive dentro de nós, verdadeiramente pessoal e extraordinariamente amada, tanto nas alegrias como nas amarguras. O discurso segue em linha recta, atento e obediente ao imperativo do Mestre, ontem, como hoje, o mesmo: *Duc in altum* — e o milagre realiza-se, que a Obra é de Deus.

As notas caem dobradas na bandeja que passa, alegres e entusiásticas, sem regra nem medida nem alinhamento — alguns milhares de escudos, num instante. Fora da Capela querem saber e ouvir coisas da vida dos garotos; e o «Deus o ajude, Padre» passa nos lábios de todos, saído do coração! Um senhor declara que em vez de cinco, como tencionava dar, deu quinhentos escudos. Outro dito, depois de lançar na bandeja igual quantia, quer dar uma merenda aos rapazes, designando dia e matéria, e puxa nova bolada para o seu custo.

NÃO compreendem que a Obra não seja subsidiada pelo Estado e oferecem-se para buzinar em Lisboa, à porta dos Ministérios, a favor dela. Não buzina, que eu não deixo. Roubava-se-lhe toda a glória. Seria profundamente diminuída aos meus e aos olhos de toda a gente, se funcionários públicos viessem apreciar, discutir, riscar. Nunca! «Atira as redes ao largo, homem de pouca fé!» Quem manda atirar, garante a colheita. Pode muito mais a ordem do Mestre do que todo o dinheiro da Assistência Pública.

Padre Acílio

(Do livro *Pão dos Pobres* — 2.º vol.)

CALVÁRIO

Crianças e jovens atrasados mentais

A mãe não trabalha porque o trabalho faz suar. É mais agradável para ela sentar-se no café à espera do rendimento do filho menor e atrasado mental. O jardim fronteiro é frondoso e aprazível; os passeantes e transeuntes são muitos. O rapaz encostado a um candeeiro público estende a mão e o dinheiro vai caindo lenta, mas copiosamente. Quando o bolso se enche o menor vai ao café e entrega a recolha à mãe ansiosa. O estratagemma alicia e resulta. E, deste modo, é fácil ganhar a vida sem nada fazer.

Alguém tem conhecimento da situação, preocupa-se e vem pedir-me para recolher o rapaz. A mãe, renitente a princípio, acaba por concordar. Tem mais filhos e certamente vai continuar o negócio com outro.

Mas o rapaz não gosta da nossa Casa. Falta-lhe o candeeiro público para ele se encostar. Faltam-lhe os transeuntes condoídos para lhe encher o bolso. As tarefas que aqui temos não o seduzem. Os nossos rapazes bem o chamam a elas: — *Anda daí connosco!*

Mas nada. Ninguém o demove! Ele ouve as vozes que apelam, mas a

cabeça baixa-se e encara os sapatos. Aquela não os comanda e estes não se mexem.

Após a primeira noite mal dormida e chorosa, parte sorratamente em direcção ao Porto, para o viver que ali levava.

Já estou habituado a casos parecidos e, há muito, tirei conclusões.

O mendigar raramente é uma necessidade. É sobretudo um vício difícil de erradicar. Quem nele se mete ou para ele é conduzido não deseja outro modo de vida. E se o faz cedo, pior.

Quem não se habituar a trabalhar em pequeno nunca o virá a fazer. E com atrasados mentais a situação torna-se difícil. Porque nestes a mente trabalha vagarosamente. Os hábitos impõem-se naturalmente e comandam o comportamento.

Ora, se as capacidades intelectuais são reduzidas, importa desenvolver as físicas no sentido de as valorizar para não permitir que estas se anulem ou desvirtuem.

Mas isto tem de ser feito muito cedo, para não se deixar instalar a inércia ou os hábitos nefastos, como a mendicidade e a dependência. E o pior de tudo será

permitir que a menoridade cristalize. — *Ai o meu menino!*

Estes meninos possuem na verdade tantas qualidades a desenvolver, tanta riqueza a explorar no seu interior! Quando estas dão fruto, eles são úteis e felizes e não simplesmente eternos *meninos*. Porque para crianças e jovens atrasados mentais a razão e o fim do trabalho — ocupação — não é a recompensa económica mas o próprio trabalho realizado, a conquista dum lugar a partilhar com outros homens.

Naturalmente, estas crianças e jovens são generosos, dedicados, perseverantes, obedientes, cheios de valores hoje perdidos no mundo laboral. Eles são uma reserva pura que urge guardar e imitar.

Dê-se-lhes a oportunidade de serem eles próprios e temos gente feliz.

Mas aquilo que na criança não for semeado não será colhido. E porque os hábitos de ocupação ou trabalho não são inculcados a tempo, temos por aí milhões de infelizes encostados a candeeiros. E os exploradores aproveitam-se!

Padre Baptista

A pedra de toque da pedagogia das Casas do Gaiato

De pequenos «nadas» é feito o nosso viver quotidiano. Aparência! Quantas vezes, em cada «nada», que grandeza, meu Deus!

Victor Estradas avistou-me ao cimo das nespereiras. Atrapalhadamente, tenta esconder algo. É natural. Mas fê-lo com tão pouca sorte que a fralda da camisa não tapou a caixinha de borboletas que, felizes, se puseram em fuga das mãos do seu caçador: «*Eram para dar aos gaios...*» — explica, triste.

Tribuna de Coimbra

Afeição pela passarada! Vai direitinho à casa das aves: Um mini-zoo feito de ternura e beleza; um catalisador de emoções e sentimentos profundos. Predominam as rolas, mas os pássaros da época são os gaios e os melros. Todos os querem tratar. Distinguem neles coisas maravilhosas; pormenores encantadores: na cor do bico, na evolução da penugem e, até, pelo

alçar do rabo, se são macho ou fêmea...

Não adianta pregar a estima dos ninhos, a casa dos passarinhos. Não senhor! Eles vão por eles, desde as tocas da terra dos grilos até às carvalhas do olival novo. Correm tudo: tocas e galhos. Depois, contam os ovos por «pedrinhas» não vão as cobras ouvir falar de delícias... Às vezes há disputas e rixas, até, por junto ao mesmo ninho se encontrarem os mesmos donos. Envolvidos num misto de ternura e traição são trazidos à nova morada: a casa das aves.

Durante muito tempo, rei da passarada foi um belo milhafre. Custou um bom par de calças ao Martelo, tão alto se encontrava o ninho da ave real. Veio e foi criado com desvelo e menu de encomenda. Ora eram cobras, ora lagartos. Um dia, porém, o Nuno, distraiu-se e ele, ágil e astucioso, apanhou um raio de

sol e a porta entre-aberta; cruzando os céus num lindo voo, partiu sem um adeus. Os olhos dos rapazes nesse dia faiscaram de raiva e saudade. Aquele Nuno...! O que ele ouviu dos rapazes...! Quinze anos tão distraídos!

O nosso «boby» veio ocupar o lugar do «leão» que um dia de manhã apareceu morto sem sabermos como. Era meigo e de faro apurado. Ninguém se atrevia a entrar no largo do gado se não fosse conhecido. Como foi chorado! Estou a ver o Teles entrançando um lindo ramo de pampilhos amarelos e a depositá-lo, saudosamente, sobre a terra que o cobriu: a terra do gaiato...

Destes «nadas» é feito, em cada dia, um viver grandioso. Todos os dias me deito e levanto tocado por «insignificâncias» que, contudo, constituem a pedra de toque da pedagogia original em que assentam as Casas do Gaiato; a vida, a simplicidade e o amor à mãe-terra. Como estão longe destas carteiras os meninos de frigorífico cheio! E não abunda quem acredite! As teorias, as reformas do sistema, quantas vezes tão longe da nascente!

Padre João

SETÚBAL

As férias são uma oportunidade para arriegarmos no rapaz as competências para a responsabilidade

A Casa da Arrábida é só dos gaiatos nos meses de Julho e Agosto. Logo no princípio seguiram os «Batacinhas» com todos os da casa-mãe mais os da casa 3 acompanhados dos seus chefes. Preside o «Manjor» ajudado pelo Guerreiro.

Mesmo em férias a Casa do Gaiato funciona com o mesmo método: *Eles em tudo*. Eles a conduzirem-se, a acompanharem-se, a corrigirem-se e a viverem em família.

As férias são também uma oportunidade para arriegarmos a competência para a responsabilidade de um rapaz. O chefe na praia tem de estar muito mais atento, pois os perigos em que podem incorrer os rapazes, multiplicam-se. A liberdade e o lazer fazem lembrar-lhes tempos recuados em que a rua era o ambiente diário e nocturno, com seduções muito próprias.

Os tribunais, na praia, exigem mais ponderação do que em Casa e o rigor da Justiça tem de ser aplicado com mais doutrina e mais brandura. Os divertimentos no mar e na serra devem multiplicar-se para que a indolência não domine as férias de ninguém. As obrigações de limpeza, cozinha e

refeitório feitas com mais perfeição, pois as férias são tempo de aperfeiçoamento. Tudo passa pela alma do chefe.

Ao «Manjor» confiei esta tarefa no mês de Julho. Ele tem 19 anos. Matriculou-se no 11.º ano e aqui há tempo ralhou-me porque eu nunca lhe havia proporcionado a ocasião de ele mostrar o que vale. Foi um ralho que me soube muito bem, e jamais esquecerei. Estamos a ser provados. Espero que ambos nos saiamos bem.

As férias, para recriarem, exigem um ambiente feliz e uma busca constante de motivos de alegria como um cuidadoso afastamento de aborrecimentos. A boa ambiência não aparece por acaso. É fruto sempre do esforço de quem comanda. Não bastam a beleza da Casa, a majestade da serra e a maravilha do mar. É necessária a generosidade e a inteligência do chefe.

Já este ano as senhoras que bem precisam de mais de um mês de férias vão ficar defraudadas do seu necessário repouso. Quem nos dava uma ajudinha neste período vai deixar-nos. Meu Deus! Que mais havemos de fazer para suscitar dádivas de vida!? Nós damos a vida. Estamos rodeados e, cada vez mais, de crianças carentes de paternidade e maternidade. Os cristãos parecemos cegos, ou olham estas realidades pela *vidraça* do mundo.

Padre Acílio



Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Tel. (055) 752285 - FAX 753799 — Cont. 50078898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

Tiragem média, por edição, no mês de Julho: 73.075 exemplares.